

# PRN quer quadros do Itamarati

## Até na educação diplomatas podem ser uma solução

*Rosângela Bittar  
e Dora Tavares de Lima*

**B**RASÍLIA — O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, formará seu governo, se eleito, com uma grande maioria de diplomatas que pretende convidar tanto para os cargos específicos da carreira como para outros postos, também de primeiro escalão. Além do Ministério das Relações Exteriores, o candidato gostaria de ver os especialistas do Itamarati conduzindo as políticas de educação, meio ambiente, cultura, ciência e tecnologia. Mas o chanceler deverá ser um político, segundo conselhos que Collor vem recebendo de seus colaboradores.

Para administrar a economia, o candidato espera ajuda de especialistas vinculados às universidades de São Paulo e de Campinas, além do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais, vinculado ao Ministério do Planejamento), áreas onde já está circulando a economista Zélia Cardoso de Melo, com sondagens e convite para colaboração. Mas não abrirá mão dos diplomatas nos assuntos de comércio exterior e negociação da dívida externa. "Collor não recusa conversa com diplomatas. Ele tem grande admiração pelos funcionários do Itamaraty, que considera os mais bem preparados do país", justifica o assessor de imprensa do candidato, Cláudio Humberto da Rosa e Silva.

**Sondagens** Fernando Collor de Mello teve um longo encontro com o embaixador Rubens Ricúpero, atual representante brasileiro junto ao GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), sediado em Genebra, que foi levado ao comitê de campanha pelo embaixador Marcos Coimbra, cunhado de Collor e assessor especial da campanha. Os auxiliares mais próximos do candidato evitam dar a esta reunião o caráter de convite para integrar o governo, até porque não é o momento de "formar governo, mas de ga-

nhar a eleição", como alerta o empresário Paulo Octávio, um dos coordenadores da campanha do PRN.

Collor de Mello sabatinou também o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, o poderoso secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, que era cotado para assumir a chancelaria no governo do falecido presidente Tancredo Neves, de quem foi grande amigo. Paulo Tarso já foi indicado pelo presidente José Sarney para ser embaixador do Brasil na Inglaterra. Embora seu nome tenha sido aprovado na Comissão de Relações Exteriores do Senado, falta ser submetido ao plenário da casa. O embaixador programava assumir o cargo antes mesmo da troca de governo, em março de 1990.

**"Carrière"** — Conhecido também como uma instituição onde se formam grupos fechados em torno de alguns embaixadores líderes, um serviço público que remunera mal seus funcionários lotados no Brasil e que dá péssimas condições de trabalho aos que atuam no exterior, o Itamarati passará por grandes reformulações caso Collor seja eleito presidente da República, segundo os planos delineados por sua equipe. O objetivo do candidato é dar dignidade à carreira que tanto admira e acredita conhecer bem. Pretende começar melhorando as condições de trabalho no exterior, hoje deterioradas, a seu ver, em função do desinteresse do governo Sarney pelo único setor que funcionou nos últimos anos. Fernando Collor de Mello ficou impressionado quando visitou, em julho deste ano, a embaixada do Brasil em Bonn. Há muitos meses a embaixada estava sem embaixador, a água tinha sido cortada por falta de pagamento e não havia papel nem xerox para enviar sequer um ofício ao governo alemão.

Em Roma, na mesma viagem, o candidato do PRN foi convidado a jantar no Palácio Doria Pamphili, sede da embaixada brasileira, na Piazza Navona, tombado pelo patrimônio histórico da Itália. Soube que o embaixador só tem cozinheiro duas vezes por semana, por falta de verbas. Em Madri, o Brasil estava também sem embaixador, e na Inglaterra, país e governo que o fascinaram, foi informado de que há muitos anos um presidente brasileiro ali não pisa os pés.